




CAPÍTULO 2

VOZES FEMININAS E SUBJETIVIDADE NA ESCRITA EPISTOLAR DE ANA CRISTINA CESAR

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.387142607012>

Malu Monteiro Storer

Resumo: Este artigo analisa a construção da voz feminina na escrita epistolar de Ana Cristina Cesar, com foco em obras como *Correspondência Incompleta* e *A teus pés*, destacando a subjetividade presente em suas cartas e a relação dessa produção literária com discussões sobre feminismo e gênero. Partindo de uma revisão bibliográfica e análise literária, o estudo explora como a autora utiliza o gênero epistolar para expressar intimidade e fragmentação do eu, estabelecendo uma narrativa confessional que subverte estereótipos de gênero e ressignifica a experiência de ser mulher. Em suma, ao analisar suas obras, fica evidente que a poética de Ana Cristina não apenas reflete a angústia do eu feminino, mas também reivindica um espaço legítimo na literatura.

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar; escrita epistolar; feminismo; subjetividade.

INTRODUÇÃO

O gênero epistolar, ao longo da trajetória literária, consolidou-se como uma forma de escrita íntima que revela certos aspectos profundos da psique humana. Na literatura brasileira, Ana Cristina Cesar é evidenciada ao explorar este gênero, especialmente ao articular uma voz feminina que rompe convenções e desafia estruturas tradicionais de expressão. Inserida na Geração Mimeógrafo, Ana Cristina entrelaça sua poética com o gênero epistolar, criando uma narrativa que desafia as normas relacionadas à subjetividade feminina. Suas cartas, frequentemente publicadas de maneira fragmentada, constituem uma construção do eu que reflete

a multiplicidade de vozes femininas, questionando o papel da mulher na sociedade e na literatura.

A obra de Ana Cristina Cesar, caracterizada por um lirismo fragmentado e introspectivo, emerge como uma forma de resistência, onde experiências e angústias do universo feminino encontram espaço para serem expostas e refletidas. No formato epistolar, a autora transforma suas cartas em um espaço de liberdade, no qual as demarcações entre o eu lírico e o eu autobiográfico se confundem, promovendo reflexões sobre identidade, gênero e poder. A relevância de sua produção epistolar reside na forma como a autora explora a intimidação e a fragmentação da subjetividade feminina, tornando sua escrita uma prática de resistência e contestação dos estereótipos.

Neste contexto, este artigo tem como objetivo investigar como as vozes femininas emergem na escrita epistolar de Ana Cristina Cesar, analisando a relação entre sua produção literária e as discussões sobre gênero e feminismo, com especial ênfase na construção da subjetividade nesse cenário.

A concepção desta pesquisa surgiu durante a minha participação na disciplina de Diálogos Epistolares, com a intenção de realizar uma análise sobre o gênero epistolar produzido por mulheres, em especial Ana Cristina Cesar, que se destaca pela sua quantidade e qualidade na literatura de autoria feminina.

A análise será dividida em duas seções: inicialmente, serão discutidas as características do gênero epistolar e sua ressignificação na obra da autora; em seguida, será explorado o papel do feminino e do feminismo em sua produção literária, para isso, será realizado uma análise da obra *A teus pés*, também de sua autoria. Assim, este estudo visa contribuir para a compreensão do papel da mulher na literatura e na escrita epistolar de Ana Cristina Cesar.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O GÊNERO EPISTOLAR EM ANA CRISTINA CESAR

O gênero epistolar é marcado por sua característica íntima e confessional, sendo construído a partir da troca de cartas que, além de funcionarem como meio de comunicação, revelam aspectos profundos da subjetividade dos autores. Na obra de Ana Cristina Cesar, esse gênero ganha uma nova dimensão, na qual a autora utiliza a escrita epistolar como uma forma de expressão pessoal e literária, funcionando como um espaço de criação de subjetividade e fragmentação do eu. Dessa maneira,

Bridge Diaz comenta que as cartas

então, se tornaram objetos literários muito paradoxais: ao mesmo tempo que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra. (Díaz, 2016, p. 11).

Nessa perspectiva, Ana Cristina utiliza o gênero epistolar para construir uma escrita que se desvia das convenções narrativas lineares, optando por uma narrativa fragmentada, que reflete as múltiplas camadas de sua subjetividade. Em *Correspondência Incompleta*, a carta se torna uma ferramenta de expressão literária, através da qual a autora expõe sua intimidade, criando uma complexa relação com o leitor. Como fica evidente no seguinte trecho:

Estou sentindo dificuldade real de transar com as pessoas. Parece uma frase muito genérica, que se poderia dizer a qualquer momento da vida. Mas agora tem um sentido mais particular para mim. Me sinto isolada, sozinha, sem amigos. Há os amigos, mas confio neles, acho sempre que não gostam de mim. Talvez eu esteja entrando em contato com alguma coisa que sempre foi verdade mas que eu nunca percebi: que realmente não tenho relações. Outro dia tive uma depressão forte. Estava sozinha em casa. Percorri o caderninho de telefones. Não tinha nenhum nome que me pudesse ajudar. (Cesar, 2016, p. 119).

Esse exemplo evidencia como Ana Cristina Cesar utiliza o gênero epistolar para refletir e representar seus pensamentos, emoções, anseios e dificuldades. A fragmentação da narrativa e a liberdade de estilo reforçam o caráter íntimo da escrita, criando um espaço de confissão e exposição. Sobre isso, Díaz afirma:

No fim do século, não se espera mais das cartas a perfeição bem calibrada de uma composição retórica impecável, mas nelas se aprecia, bem ao contrário, as falhas, as hesitações e as pausas de uma palavra simplesmente humana. É nessa época que a carta reivindica claramente o título de “espelho da alma”, segundo uma metáfora tão emblemática quanto estabelecida, já presente em Demétrio. Nesses meados do século XVII, cria-se um novo consenso do qual Paul Jacob, entre muitos outros, se faz o intérprete em seu *Parfait secrétaire*: “Não existe nada mais poderoso para vencer uma alma do que uma carta enriquecida de belos pensamentos e as nossas palavras são como espelhos. Esses representam o rosto de nosso corpo e aquelas revelam nossa alma. (Díaz, 2016, p. 17).

Além disso, Díaz afirma que a carta carrega o desejo de ser um gênero de liberdade para as emoções efêmeras, como objetos com uma “geometria variável” (p.119). Nesse sentido, ela comenta que:

A carta deseja ser uma página de liberdade na qual se podem gravar os sulcos caprichosos de emoções efêmeras. De modo ostensivo, sua redação acompanha os sobressaltos da inspiração e o humor do dia, segundo um protocolo que só conhece a impressão do momento, e só ama a liberdade de deslizar sem imposição. (Díaz, 2016, p. 22).

Esse caráter de liberdade da epistolaridade aproxima o gênero de um processo literário em constante transformação, como explica Díaz, que descreve a carta como a crônica falada das obras em processo, desvendando-nos por vezes seus trajetos, suas hesitações, seus “arrepentimentos” e até mesmo seus segredos (Díaz, 2016,

p. 123-124). Ana Cristina Cesar explora esse aspecto ao utilizar o gênero epistolar também como espaço para refletir sobre sua própria escrita. Um exemplo disso é o seguinte trecho:

Eu sinto nostalgia de outra linguagem (já te disse isso) - queria escrever poemas longos, com versos longos e fluentes, como quem escreve carta - como Pessoa, ou o Capinam de Anima (você conhece? Vai sair na antologia). Mas só consigo raros ritmos curtos, entrecortados, pontos e vírgulas a cada esquina. Queria te escrever com longos versos, ritmos fluente. (Cesar, 2016, p. 102).

Assim, além de fazer confissões íntimas, Cesar utiliza o espaço da carta como uma forma de experimentação literária. Ela mescla a confissão pessoal com a construção artística, uma prática que é recorrente ao longo de Correspondência Incompleta. A epistolaridade serve também como espaço para exercícios prévios que mais tarde ela transformaria em obras literárias. Um exemplo desse processo pode ser visto no seguinte trecho:

Escrevia umas coisas que eu estou adorando (eu quero fazer prosa, contar histórias, sintaxes coleantes, "Going-to-her! / Happy-letter! Tell her - / Tell her - the page I never wrote! / Tell her, I only said the syntax - / And left the Verb and the Pronoun - out!" - (Emily Dickinson.) Tem uma coisa meio decadente, um ritmo narcisista com ironia sacaneando o pathos, Sylvia Plath é muito bom mas sai, azar! And please não fica puta porque eu fico fazendo literatura, cartas inclusive; eu me lembro de você falando e dava um efeito parecido, será que ela gosta de mim com todo aquele estilo? "Escreve devagar e conta a vidinha tipo dia-a-dia e os projetos de volta..." Eu estava fazendo um esforço de dia-a-dia! Enjoada desses papos de sintaxe! Artifício decadente até nas minhas cartinhas! (E um júbilo meio escolar também.) (Cesar, 2016, p. 57).

Em suma, o gênero epistolar na obra de Ana Cristina Cesar vai além da simples troca de correspondências. As cartas, em suas mãos, se tornam um território híbrido entre o desabafo íntimo e a criação literária, funcionando como um espaço de liberdade para experimentar formas fragmentadas de subjetividade e expressar as complexidades da experiência pessoal. Essa escrita confessional permite que o leitor acesse camadas profundas da psique da autora, ao mesmo tempo em que ela transforma a epistolaridade em um instrumento literário. Desse modo, as cartas de Cesar não apenas espelham sua alma, como reivindicam um lugar legítimo na literatura, mostrando que a correspondência pode ser uma forma rica e paradoxal de expressão artística.

FEMINISMO E O FEMININO NA ESCRITA DE ANA CRISTINA CESAR

A voz feminina na escrita de Ana Cristina Cesar está profundamente vinculada ao feminismo e à resistência aos estereótipos de gênero. Por meio de suas cartas, a autora ressignifica a experiência feminina, trazendo à superfície questões sobre o corpo, a identidade e o lugar da mulher na literatura. Ao fazer isso, ela constrói

uma subjetividade que desafia as normas impostas, rompendo com as estruturas patriarcais e oferecendo novas formas de entender o ser feminino.

Ao refletir sobre a literatura de autoria feminina, Lucia Osana Zolin (2013) evidencia as relações entre gênero, poder e identidade feminina, frequentemente minimizadas ou silenciadas pelas abordagens críticas tradicionais. Sua leitura ultrapassa o juízo estritamente estético e se orienta para a compreensão das complexidades que atravessam as representações do feminino nas narrativas literárias. Nesse sentido, Zolin afirma que:

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. (Zolin, 2013, p. 217).

Além disso, a crítica feminista desenvolvida por Zolin volta-se para os modos pelos quais as mulheres são historicamente silenciadas ou marginalizadas no campo literário, tanto na condição de autoras quanto na de personagens. A pesquisadora ressalta a necessidade de legitimar as experiências femininas e de reconhecer a pluralidade de perspectivas que constituem o universo do feminino. Nesse contexto, Zolin compreende a literatura como um espaço potencial de enfrentamento às normas de gênero, capaz de tensionar desigualdades e fomentar processos de empoderamento. Ao examinar obras que subvertem convenções e estereótipos de gênero, a autora aponta para a emergência de novas formas de representação do feminino na literatura. Nessa direção, afirma que:

Por outro lado, a crítica feminista tem mostrado que a produção literária de mulheres após a década de 1960 tem seguido outros direcionamentos. As escritoras, partindo de suas experiências pessoais, e não mais dos papéis sexuais atribuídos a elas pela ideologia patriarcal, debruçam-se progressivamente sobre a sexualidade, identidade e angústias femininas, bem como sobre outros temas mais especificamente femininos como nascimento, maternidade, esturpo etc. (Zolin, 2013, p. 231).

Nessa perspectiva, ao comparar a obra *Correspondência Incompleta* com *A Teus Pés* de Ana Cristina Cesar, percebe-se uma continuidade no modo como a autora explora o corpo e a voz feminina. Em ambas as obras, Ana Cristina ressignifica o feminino, criando um discurso que, ao mesmo tempo, afirma e desafia as expectativas sobre a mulher e sua escrita. Isso fica evidente no seguinte trecho de mocidade independente da obra *A Teus Pés*:

Pela primeira vez infringi a regra de ouro e voei para cima sem medir as consequências. Por que recusamos ser proféticas? E que dialeto é esse para a pequena audiência de serão? Voei pra cima: é agora, coração, no carro em fogo pelos ares, sem uma graça atravessando o estado de São Paulo, de madrugada, por você, e furiosa: é agora, nesta contramão. (Cesar, 2016, p. 18).

Além disso, é possível perceber que ao ler *Correspondência Incompleta*, há proximidade com a obra *A teus pés*, de modo que, em alguns momentos, se suprimíssemos o destinatário e o remetente, ocorre a sensação de que estamos lendo poesias e prosas, ao ler suas cartas. Esse exemplo é evidente no seguinte trecho:

Decidi transar um barco e me mandar para los, uma ilha incrível no Mar Egeu. Por aqui é tempo de estio e o sol está em leão. Danço samba nesse baile absurdo, e me visto de mim quando preciso e quando não preciso. E que tudo mais vá pro inferno, meu bem! Acho enfim que é provisório ser da condição dos avessos. (Cezar, 2016, p. 95).

Nessa perspectiva, é nítido que Ana Cristina utiliza a escrita epistolar como um espaço híbrido, que, é possível perceber que a fronteira entre o gênero da carta e o gênero poético se dilui. A carta, que tradicionalmente estabelece uma comunicação direta entre remetente e destinatário, no caso de Ana Cristina Cesar, ganha um característica mais íntima e introspectiva, na qual se aproxima da escrita literária. Além disso, o tom confessional e fragmentado presente nas cartas e correspondências possui uma subjetividade em constante construção, permitindo que o eu lírico transite livremente entre o pessoal e o universal. Nesse sentido, revela-se também uma angústia da autora com sua própria escrita, como ela comenta que:

Não escrevi logo porque me deu um enjoo do meu excesso de verbalização, das minhas tortuosidades - eu queria escrever claro, puro, sem circunlóquios, sem metalinguagens, sem arrepios & desvios. O que te soa galopante & solto (ou você está sendo eufemística?) pra mim é tortuoso & preso. Como "escrever puro" não se faz por programa, estou de volta à pena, praticando correspondência outra vez. (Cesar, 2016, p. 101-102).

Esse deslocamento entre a linguagem cotidiana e a literária é uma característica que reforça a singularidade da autora no cenário da literatura brasileira, especialmente dentro do contexto da poesia marginal dos anos 1970. Ao subverter as convenções do gênero epistolar, Ana Cristina questiona as formas tradicionais de se expressar, rompendo com a linearidade e com a lógica de uma narrativa objetiva. Na obra *A teus pés*, isso fica evidente, por exemplo, em:

Trilha sonora ao fundo: piano no bordel, vozes barganhando uma informação difícil. Agora silêncio; silêncio eletrônico, produzido no sintetizador que antes construiu a ameaça das asas batendo freneticamente.

Apuro técnico.

Os canais que só existem no mapa. O aspecto moral da experiência.

Primeiro ato da imaginação. Suborno no bordel.

Eu tenho uma ideia.

Eu não tenho a menor ideia.

Uma frase em cada linha. Um golpe de exercício. Memórias de Copacabana. Santa Clara às três da tarde. Autobiografia. Não, biografia.

Mulher.

Papai Noel e os marcianos. Drácula versus Billy the Kid.

Muito sentimental. Pensa no seu amor de hoje que sempre dura menos que o seu amor de ontem.

Gertrude: estas são ideias bem comuns. Apresenta a jazz-band.

Não, toca blues com ela. Esta é a minha vida.

Atravessa a ponte.

É sempre um pouco tarde. Não presta atenção em mim.

Olha aqueles três barcos colados imóveis no meio do grande rio. Estamos em cima da hora. Daydream.

Quem calça mais o olho um do outro? (Cesar, 2016, p. 9).

Além disso, a escolha pela escrita de cartas pode ser entendida como um ato de resistência com relação ao silenciamento feminino, visto que o espaço privado da carta se torna público ao ser transformado em literatura. Desse modo, as cartas não apenas comunicam sentimentos e emoções, mas também reivindicam um espaço para a voz feminina na literatura, questionando as normas impostas pelo patriarcado e pela sociedade em geral. Um exemplo disso em *Correspondência Incompleta* está em:

P.S Reflexão delicada que vem de longe, pintou forte chez toi e hoje deu sessão de análise: te parece complicado transar "feministamente" num casal? Boto aspas assustada com a palavra, tentando exorcizar os sentidos furiosos. Por exemplo, me incomoda que a mulher tenha de velar a casa e o homem apenas devore e/ou reclame da comida. (Cesar, 2016, p. 154).

Nessa perspectiva, a epistolografia de Ana Cristina Cesar revela-se uma ferramenta de subjetividade, trazendo à tona questionamentos sobre a própria existência, as relações interpessoais e o papel da mulher escritora em uma sociedade marcada por desigualdades de gênero.

Em suma, é notório que Ana Cristina Cesar utiliza suas cartas como um espaço de liberdade e descoberta, onde o feminino é repensado e reescrito a cada linha. Suas palavras se misturam entre o íntimo e o literário, transformando o que seria uma simples correspondência em algo profundo para ser lido e sentido.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de direcionar o estudo para o campo literário, especificamente voltado para vozes femininas na literatura, foram encontradas diversas fontes, incluindo livros, artigos, cartas e correspondências. Entre as principais obras estudadas, destacam-se *Correspondência Incompleta* (2016) de Ana Cristina Cesar, *O gênero epistolar e o pensamento nômade* (2016) de Brigitte Dias, *A teus pés* (2016) de Ana Cristina Cesar além de outros materiais estudados ao longo da disciplina para melhorar o entendimento do gênero epistolar.

A metodologia deste trabalho fundamenta-se, principalmente, em uma revisão bibliográfica, com ênfase na análise literária das obras de Ana Cristina Cesar, além de considerações teóricas de autores como Fonseca (2002). Conforme Fonseca, a pesquisa bibliográfica é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Essa abordagem metodológica possibilita uma leitura crítica que abarca tanto os aspectos formais da escrita epistolar quanto às questões de gênero e subjetividade presentes na obra de Ana Cristina Cesar.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Portanto, diante dos aportes teóricos e críticos mencionados, é notório que a escrita epistolar de Ana Cristina Cesar representa uma forma única de expressar a subjetividade feminina, utilizando as cartas e as correspondências como meio de criar uma narrativa fragmentada e íntima. Nessa perspectiva, a relação entre feminismo e a epistolaridade na obra da autora revela como a voz feminina pode atuar como um ato de resistência, rompendo com estereótipos de gênero e criando novas possibilidades de leitura do feminino na literatura brasileira.

Em suma, ao analisar suas obras, como *Correspondência Incompleta* e *A Teus Pés*, fica evidente que a poética de Ana Cristina não apenas reflete a angústia do eu feminino, mas também reivindica um espaço legítimo na literatura. Através da epistolaridade, Ana Cristina Cesar transforma a carta em um espaço híbrido, onde o feminino se expressa com liberdade, e a fragmentação do eu reflete as múltiplas dimensões da subjetividade. Sua escrita, portanto, contribui de maneira significativa para a literatura de autoria feminina, oferecendo novas perspectivas sobre o lugar da mulher, não apenas na literatura, mas também na sociedade.

REFERÊNCIAS:

DIAZ, Brigitte. *O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade: Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CEZAR, Ana Cristina. *Correspondência Incompleta*. 1. ed. São Paulo: HB, 2016. 314 p.

CEZAR, Ana Cristina. *A Teus Pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcio Osana.